

**Conceitos fundamentais da Psicanálise**

**Apresentação, leitura e comentários de  
Seminários e Textos de Jacques Lacan**

*Os Nomes-do-Pai*

e

*Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*

**Paulo Medeiros**

11 - 06 de julho de 2004

*Memória e transcrição de gravação*<sup>1</sup>

Retomando a leitura na página 30: *A descontinuidade..*

Intervenção – [...]

Nessa descontinuidade?

Intervenção – [...]

Primeiro em *Parmênides*, a partir do qual Lacan dialoga com Platão a respeito do *Um*. Há, de fato, quer-me parecer, uma relação entre esse *um* e a *hiância*, o hiante, até porque, como já o disse o povão, o corpo é para ser fechado. Um hiato no corpo representaria uma não-totalidade e uma descontinuidade, uma fenda, abrindo-o. O corpo, ou melhor dizendo, a imagem do corpo, transmite a ilusão de unidade, de continuidade, de um todo. Somos, no caso, regidos por um engano a partir de uma imagem, e é como se houvesse, na dimensão psíquica, alguma representação enganosa de algum todo unitário. Quando o Inconsciente se estatela, tropeça na fala, aparece como linguagem; na surpresa, sobre a qual já falamos na vez anterior, surge esse hiato, hiato que aponta uma fenda, uma rachadura na imagem unitária.

Há ainda o *Um* do *Um* pai. Em alguns momentos Lacan fala sobre *Um* pai. Então *um* enquanto conotação disso. Há, em decorrência, o *um* da série, o *um* elemento precedente.

Intervenção – [...]

A minha impressão é a de haver um hiato. A gente se

*O Um e a fenda - a  
descontinuidade*

---

<sup>1</sup> Paulo Medeiros. Revisão ortográfica: Dulcinea Santos e Maria Teodora de Barros Oliveira.

acostuma a uma imagem à qual algo se contrapõe. Por exemplo, o silêncio. Nossa, há tanto barulho à nossa volta que fico a desejar silêncio! O corpo é silente quando toda a máquina funciona a contento, ou seja, não reclama, salvo, é claro, na produção de certos ruídos, até extemporâneos, mas, de modo geral, é por seu intermédio, por mediação do corpo, que reclamamos e somos ruidosos na falação. A falação do sujeito se contrapõe ao silêncio do corpo que o abriga.

Intervenção – [...]

Tem razão, é um *frige*. O Inconsciente é um *frige*. Então, no frigar dos ovos, ou da falta deles, aparece essa hiância, hiância sexuada. Há descontinuidade, descontinuidade dessa imagem que aparece inteira.

Continuação da leitura na página 31: *Onde está o fundo...*

Intervenção – [...]

*Sincronia/diacronia*

Essa idéia de sincronia é fundamental. Por analogia, é como se nós pensássemos sobre o Inconsciente como diacrônico na fala, enquanto falamos há diacronia, numa fala que advém, que é considerada; ponderamos sobre nossas leituras e nossas discussões obedecendo a uma diacronia, mas uma fala coordenada por esse movimento lógico diacrônico traz espanto e surpresa quando ocorre um hiato nesse movimento, hiato criado por efeito do avesso, a sincronia nesse mesmo movimento.

Intervenções – [...]

Sim, é verdade, há poesia em Lacan, como nessa frase que leu: *a síncope do discurso se conjuga com seu desejo*, para indicar a alienação do sujeito na relação à sua própria história.

Intervenções – [...]

Exatamente. Você nos brinda com um exemplo típico do significante, seu som nessa assonância *filho ↔ filha*. O significante enquanto som. A letra busca apreender o som, sendo seu suporte, suporte material. O significante é sonoro.

Intervenções – [...]

Sim, a estrutura inconsciente enquanto tal é inapreensível. Quanto à palavra *alienado*, lembremo-nos de sua origem latina,

A alienação como  
estrutura psíquica

sobretudo a referência a *outrem*. Nesse sentido, o sujeito está alheio ao desejo, sendo o desejo desejo de outrem ou do Outro.

Intervenção – [...]

O Outro –  
Marx/Hegel/Lacan

Marx era um hegeliano em várias linhas. Sim, de fato, isso está em Hegel, uma das principais fontes onde Lacan buscou água limpa e pura. Essas referências, etimológicas e filosóficas, ajudam-nos no entendimento do que seja esse Outro em Lacan e a pensarmos nossos desejos como estando deles alienados, ou seja, como sendo desejos de outrem nessa fórmula *Outro*. Isso quer dizer atribuímos ao Outro desejos que consideramos próprios.

Intervenção – [...]

Sim, é o que encontramos já em Hegel. Marx? Bem, Marx foi também, antes de mais nada, um hegeliano.

Continuação da leitura na página 31: *Oblivium*..

Intervenção – [...]

No período da ditadura militar no Brasil, quando havia censura nas matérias, saía uma tarja negra, ou não saía nada, ou publicavam estrofes dos de *Os Lusíadas* ou da *Ilíada*, por exemplo, e, claro, todos sabiam que havia ali censura.

Mas há aquela referência freudiana, já trazida para vocês, sobre isso, que gostaria de contrapor a esta, política, por considerá-la muito especial, um texto traduzido como *Blaa Mágica*. Freud demonstra como ocorre esse apagamento...

Intervenção – [...]

Apaga, mas não apaga. Imaginemos sobre-impressões, escritos sobre escritos, formando novas inscrições, como se as inscrições mais recentes recobrissem as anteriores, sem, no entanto, anulá-las. Há recobrimento de inscrições. Como ler aí, por exemplo, uma primeira inscrição ou a inscrição anterior? Mas enfatizo: leiam esse texto de Freud.

Intervenções – [...]

A barra –  
função da censura

A barra é, ela também, significativa. Lacan escreve *significante barra significado*, o algoritmo *S/s*, que se lê: *significante sobre significado*. O sentido da barra é o da

intransponibilidade; o significado nunca será apreendido. Podemos imaginá-la contínua, prolongando-se infinitamente. O significado, estando sob barra, desliza continuamente sob o deslizamento do significante, sem se encontrarem, significante e significado. A barra, como significante, vamos encontrá-la em vários algoritmos lacanianos, como, por exemplo, em relação ao Sujeito, escrito S barrado,  $\$$ . Então, sempre que encontrarem esse traço na escrita de Lacan tem o sentido de uma barra, quer dizer, há intransponibilidade.

Continuação da leitura na página 31: *Para retomar um exemplo..*

*Signorelli -  
O paradigma  
freudiano  
do sujeito barrado*

Podemos acentuar na palavra *Signorelli* também o sufixo *elli*, associando-o em sua força de signo à cultura semítica, sobretudo hebraica, e encontrado na Bíblia cristã numa de suas modalidades bastante conhecidas, em aramaico: *Elí, Elí, lamá sabactaní*, isto é, *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*, porque esse *Elí*, nessa cultura, é um dos nomes do Deus que adoravam, proveniente de *El*, da mitologia Cananéia. Então, creio, esse *Elí* poderia, creio, trazer, para Freud, uma relação com a morte, mas com a morte do pai.

Intervenção – [...]

Sim, as Coisas Últimas, contidas no quadro de *Signorelli*, o Juízo Final. Há um outro aspecto importante: o trem, isto é, esse esquecimento ocorreu numa viagem de trem, elemento fóbico em Freud, desde, pelo menos, poderíamos talvez atribuir, à sua saída da terra natal, quando ainda muito criança, viagem que lhe proporcionou ocasião de ver sua mãe nua na cabine do trem. E ele nunca escreveu os termos mãe nua, senão em latim, *matrem nudam* Trem, quer-nos parecer, a partir das próprias referências de Freud, constitui-se significante em seu sistema linguageiro.

Intervenções – [...]

Continuação da leitura na página 32: *Se vocês souberem ler...*

Intervenções – [...]

Uxurioso está relacionado a uxório, termo referente à mulher casada. Bem, casamento, de algum modo envolve um pacto, um pacto de morte, além de...

Intervenção – [...]

Exatamente. *A té que a morte os separe*

Em nossa História, lembremo-nos do Conselheiro, Antônio Conselheiro, falsamente acusado de uxoricídio.

Intervenção – [...]

Continuação da leitura na página 32.

*As questões centrais da Psicanálise*

Há algo aí a merecer também nossa atenção. Na apresentação do seminário de Lacan sobre Os nomes do pai, ressaltamos a indagação que percorre toda a obra de Freud, *O que é um pai*, qual sua função na constituição de nossa estrutura psíquica, e agora, estamos diante de mais uma, concernente a essa estruturação: *O que quer uma mulher?* Bem, consideremos, nesse seminário de Lacan, estarmos diante da indagação sobre qual seja o desejo do analista, o que nos situa diante dos enigmas impostos a Freud e que nos são, de algum modo, transmitidos, referentes ao pai, à mulher e à morte.

Intervenções – [...]

É verdade, mas sempre que Freud tentou responder à indagação das históricas sobre o saber que elas buscam, elas retrucaram com um enfático *Cale-se e ouça!*

Intervenções – [...]

A questão *O que é um pai?* perpassa por toda a obra de Freud. A outra, *O que quer uma mulher?* O desejo do analista. São as duas questões nucleares da psicanálise. Freud não as resolveu; deixou esses enigmas.

Intervenção – [...]

Não há um texto específico. Freud teria comentado com Marie Bonaparte, numa situação coloquial, conversando com ela. Poderia ser o falo no sentido do filho, só que o desejo é sempre desejo de outra coisa. O que pode dar uma completude à existência?

Intervenção – [...]

Todas as considerações mitológicas, e outras, num plano imaginário, são agradáveis e pertinentes, mas no plano de um sistema linguageiro, como poderíamos, no caso, tecer algumas considerações? Acentuemos o exemplo trazido no texto, já

abordado hoje: *Signorelli*. Mas acentuemos agora, nos nomes próprios, os elementos contíguos, ou seja, sua metonímia. *Signorelli* e *Botticelli*. *Elli* aparece, como elemento nítido, enquanto formação metonímica. Então os elementos metonímicos promovem relações cuja combinatória pode advir, dependendo do momento, apresentando algum termo de inscrição da história do sujeito. Metonímia, então, é um elemento constante na variável entre termos.

Intervenção – [...]

*A formação metonímica*

Hum, não sei se é uma ponte, mas é uma contigüidade, promovendo uma aproximação por simultaneidade do elemento comum. Então, enquanto a metáfora promove a substituição de um termo por outro, a metonímia apresenta todos os termos nos quais há elementos próximos ou semelhantes. Então nessas duas palavras estamos enfatizando o elemento metonímico, devido ao fato de linguagem que articula o desejo; o objeto do desejo é metonímico.

Intervenção – [...]

Então, há aí um desejo a perpassar o termo *Elli*.

Intervenção – [...]

Perfeitamente, há aí o nome do Freud no prefixo *Sig*

Intervenção – [...] Dirce – O sujeito é o sujeito de sua história.

Ah, sim, claro, o nosso imaginário abre-nos as portas para um alegre e distraído devaneio, capturando-nos em elementos recreativos, distantes dos elementos reais.

Intervenção – [...]

É verdade, Fernando, é melhor ficarmos calados. E, numa situação analítica, só serem usados termos empregados pelo próprio analisante, trazidos por sua fala.

Intervenção – [...]

O risco está nas formulações, fundadas em construções puramente imaginárias, extraídas do imaginário do analista. O mais prudente é a atenção estar voltada literalmente ao dito, mantendo o enigma do *O que quer isso dizer?* É no dizer onde se diz sobre o desejo, o desejo apresentando-se na fala a partir de

*O sujeito e suas*

*formulações  
imaginárias*

um campo linguageiro, fugazmente apreensível em seus momentos de metáfora e de metonímia.

Intervenções – [...]

Aos poucos, gradativamente, vamo-nos dando conta; o trabalho psicanalítico não repousa sobre elementos alheatórios e imaginários como nos atribuem, por alguns, assim fazê-lo, mas tem seus fundamentos lógico-conceituais.

Intervenções – [...]

*O enigma –  
uma postura  
epistêmica*

Perfeitamente. *Pavão* ← → *pai vã*

Intervenção – [...]

Ah, sim, claro, só é admissível analista sem análise o primeiro da série, Freud.

Intervenção – [...]

Sim, Fliess ocupou um lugar de suposto saber...

Intervenções – [...]

Muito bem, minha gente, fiquemos por aqui hoje.